



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9896 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOLÓGICA: APRENDENDO COM SABERES
DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Fabio Pessoa Vieira - UFBA-MPED – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOLÓGICA: APRENDENDO COM SABERES DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

RESUMO: Para uma Educação Ambiental constituída com saberes das quebradeiras de coco entendo ser necessário mergulhar em um mundo de rupturas e aberturas. Rupturas com a ideia única de produção de conhecimento, de formas de aprendizado e de ser sustentável. Aberturas para com a decolonialidade compreender a existência de outras pedagogias que se alicerçam em territorialidades, estruturadas em um Bem Viver, e que, portanto, constituem outras maneiras de ser sustentável. Assim, o objetivo é apresentar uma Educação Ambiental dialógica, plural e fundada no Bem Viver e na Pedagogia de mulheres, quebradeiras de coco, no Extremo Norte do Tocantins. Para tanto a estrutura metodológica se deu a partir das observações e percepções em campos realizados durante os anos de 2014 a 2018 e de registro de descrições das quebradeiras de coco sobre as suas vivências na RESEX. Os resultados apontam, para a constituição de uma Pedagogia que se realiza nas territorialidades, das mulheres quebradeiras de coco.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Territorialidades; Bem Viver; Pedagogia; Quebradeiras de coco.

INTRODUÇÃO

Um diálogo que se materialize a partir de uma multiplicidade de saberes, e na qual a Educação Ambiental possa se constituir. É assim, que trarei um mundo possível e já presente em uma comunidade tradicional que constrói a sustentabilidade a partir de sua pedagogia, pautadas em um Bem Viver. Sustentabilidade que entendo ser rica e potente para estar no debate de uma Educação Ambiental dialógica e ecológica.

Mundo de comunidades da Reserva Extrativista do Extremo Norte do Tocantins. É com este, e outros mundos existentes que se desapeguem de uma lógica moderna-colonial e que estão alicerçados em uma relação ecológica, telúrica, de pertencimento com a Terra que entendo ricos aprendizados possíveis para a Educação Ambiental.

Aprendizados, possíveis com saberes de extrativistas e com o aporte teórico e epistemológicos decoloniais. Com a técnica da narrativa, em uma inspiração fenomenológica, e com a observação participante a pesquisa se constituiu metodologicamente e o Bem Viver emergiu a partir da dimensão vivida das mulheres quebradeiras de coco.

Apontarei, de maneira sucinta, a conformação de um mundo da modernidade e da colonialidade, e como este se assentou na sociedade a ideia de uma única forma de explicação e validação do universo. É um sustentável constituído em uma solidariedade ecológica entre homens e, sobretudo mulheres, que será apresentado para sustentar o objetivo deste artigo: destacar uma Educação Ambiental dialógica, plural e fundada no Bem Viver e na Pedagogia de mulheres, quebradeiras de coco, no Extremo Norte do Tocantins.

A CIÊNCIA DA MODERNIDADE E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Começo contestando monocultura de uma ciência, e entendo que para tal é preciso, apresentar, brevemente, como essa se estrutura. É com a constituição de um mundo, o moderno-colonial, que tem como evento central a invasão do continente americano pelos europeus a partir do final do século XV, que se tem início a organização de mundo moldado à Europa.

As bases para a consolidação do mundo moderno-colonial tiveram como pilares a escravização de diversos povos originários, sobretudo os indígenas, bem como negros sequestrados da África – continente que posteriormente passa a ser objeto espacial para a consolidação do mundo moderno-colonial. Isso ocasionou a destruição, em larga escala, das florestas da América, seja para a retirada de metais preciosos como ouro e prata, seja para a implantação das monoculturas, o que deu início ao processo de espoliação da natureza em larga escala.

Este mundo como destaca Vieira (2017) não é mais a Europa, em termos espaciais e territoriais. Assim, Quijano e Wallerstein (1992, citados por MIGNOLO, 2005) denominaram o de: sistema mundo moderno-colonial.

A espoliação da natureza, neste sistema mundo, passa a ganhar força com o advento da ciência da modernidade que busca homogeneizar a explicação do real, bem como acentuar a ideia de controle da natureza. Artigas (2005), destaca que ao criar o método indutivo, Francis Bacon concede a criação de uma trajetória científica de domínio da natureza. Vieira (2017) expõe que o mecanicismo alicerça uma ideia de matematização da natureza, à medida que esta passa a ser vista como um imenso objeto geométrico. Assim sendo, há a intensificação de um olhar dominador do ser humano sobre a natureza.

Entendendo a necessidade de uma desconstrução da monocultura científica, alicerço-me um viés ecológico, ou seja, que se constitua em uma relação de solidariedade entre homens e mulheres e todas as demais formas de vida existentes na Terra.

Para tanto a ecologia de saberes, que traz o: “[...] entendimento de que as práticas relacionais entre os seres humanos e a natureza implicam mais do que uma forma de saber” (SANTOS, 2010, p.105), é o suporte teórico e ontológico que coaduna com a desconstrução da ciência do mundo moderno-colonial

Ecologia de saberes, que contrasta com a busca da manutenção de um *status quo* desenvolvimentista, que permite a criação do conceito desenvolvimento sustentável. Este foi formulado em 1987, durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, e consta de um relatório

da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD): é “aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades”. (1991, p. 46).

SUSTENTABILIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UM BEM VIVER

Após o entendimento que o desenvolvimento sustentável é um conceito criado por um modelo de sociedade que não leva em consideração os diversos saberes, singularidades, lugares e potencialidades de envolvimento e pertencimento com a Terra, apresento uma possibilidade de sustentabilidade, constituídas em um Bem Viver.

Este Bem Viver trata-se de uma filosofia, de povos originários da América Latina com nome de *sumak kawsay*, e que advém das tradições indígenas que se distancia de conceitos ocidentais que concebem o surgimento da vida política a partir de uma ruptura inicial ou da separação ontológica em relação à natureza, em períodos anteriores ao surgimento do mundo moderno-colonial

de grupos tradicionalmente marginalizados, excluídos, explorados e até mesmo dizimados. São propostas invisibilizadas por muito tempo, que agora convidam a romper radicalmente com conceitos assumidos como indiscutíveis. Estas visões pós-desenvolvimentistas superam as correntes heterodoxas, que na realidade miravam a “desenvolvimentos alternativos”, quando é cada vez mais necessário criar “alternativas de desenvolvimento”. É disso que se trata o Bem Viver. (ACOSTA, 2016, p.70).

Assim na gestão e nas vivências em seus territórios, entendo que os povos latinos que constituem o Bem Viver permitem a reelaboração de conceitos e noções amplamente difundidas na Educação Ambiental, em especial o desenvolvimento sustentável.

A PEDAGOGIA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DO NORTE DO TOCANTINS

Com o Bem Viver, erigido no lugar, emerge uma diversidade de pedagogias alicerçadas em âmbito coletivo. Pedagogias que apresentam outros conhecimentos, para além do normatizado por espaços institucionais, na sociedade moderno-colonial, tal qual as universidades. São esses conhecimentos, plurais, são essas pedagogias que precisamos trazer para o debate educacional, pois concordo com Arroyo (2014), que “Outros saberes de experiências feitos nessa pluralidade de sujeitos que disputam as instituições do conhecimento. Reconhecer esses Outros Sujeitos pressiona por Outras Pedagogias” (2014, p.223).

São pedagogias que se realizam em um processo dialógico do ser humano com a Terra e que trazem para o debate o Outro. Assim é que caminho para o entendimento de que a Educação Ambiental pode se constituir com pedagogias que favorece as potências do ser, do vivido, da organização ecológica e das formas de significação da natureza que se expressam e se manifestam na existência. Uma Educação Ambiental como um processo dialógico que abre as possibilidades para compreender uma diversidade de sustentabilidades, presentes na Resex do Extremo Norte do Tocantins. Situada ao norte da estrada TO-496 e ao sul do rio Tocantins, na divisa com o Estado do Pará, a oeste, e com o Estado do Maranhão, sua população de aproximadamente 900 pessoas (UFV/ICMBio, 2014), vive baseada em um

pertencimento com o lugar.

A PEDAGOGIA ENSINADA POR QUEM A CONSTROI

Bom, ao apresentar a Pedagogia das mulheres de Extremo Norte não posso omitir como as próprias quebradeiras de coco estruturam seus ensinamentos. Por isso trarei trechos de conversas realizadas com duas quebradeiras de coco, e não interpretarei, não explicarei, não transporei para nenhuma pedagogia que eu, ou os leitores estamos acostumados. Deixarei as próprias quebradeiras de coco em seu Bem Viver ensinarem com suas didáticas e com o seu envolvimento ambiental, com o intuito de fazer com que os leitores percebam e compreendam como um sustentável se constitui no lugar.

O aprendizado que obtive se deu a partir das observações e percepções em campos realizados durante os anos de 2014 a 2017 e de registro de descrições das quebradeiras de coco sobre as suas vivências na RESEX. Para compreendermos as descrições, não foi lançada mão de uma pergunta específica, mas sim solicitado que narrassem suas experiências, suas histórias de vida com o lugar, a partir do seu “envolvimento ambiental”. Tais descrições foram gravadas em arquivos digitais de áudio.

A escolha para nominar a quebradeiras de coco com o intuito de não expor a sua identidade, sobretudo por conta de conflitos territoriais existentes na RESEX, usei como referência a rica diversidade de elementos (naturais ou produzidos) originados do babaçu, *Amêndoa e Casca*.

A observação participante possibilitou uma aproximação, em um viés existencial e implicado no território das quebradeiras de coco, permitindo interação as porta-vozes, pois permitiu que pudesse ao compartilhar o cotidiano com a perspectiva de compreender as significações e as experiências subjetivas das constituidoras de uma rica Pedagogia.

Saia larga, pernas cruzadas e apoiadas uma sobre a outra. Machado afiado e que colide com precisão no coco, fazendo-o partir-se ao meio, é essa a imagem que tenho de quando conheci, Casca. Nascida no município de Bacabal, Estado do Maranhão, e que atualmente reside no Centro dos Firmino, povoado localizado no município de Carrasco Bonito.

“Comecei a quebrar coco aqui, com 8 anos de idade. Aprendi com minha mãe. Minha mãe quebrava muito coco. Meu pai também. Meu marido também quebrava muito coco, a mãe dele também. Trabalhava muito de roça, mais ele. Teve um tempo, que nós tirava muito é o mesocarpo pra vender. Eu, mais meu marido tirava o mesocarpo pra vender pra fora, né? Nós processava aqui mesmo em casa. Parei por causa dessas coisas de higiene. O povo exige muito higiene. Um lugar exato pra trabalhar. Esse negócio aí de estrutura. Nós fazia tudo limpinho, mas, tem esse negócios aí de vigilância (sanitária), aí nós paramos. Vem cá que pra eu te mostrar (convida-me para ir ao quinta de sua casa). Descasca o coco, corta as pontinhas dele, e tira a pele escura dele. Depois alisa o coco todinho. É um processo. Aí bate com o cacete, solta todinha a massa, né? Coloca no sol, pra poder secar. Se a gente colocava de manhã, de tarde já tá tudo sequinho, no ponto de levar pra moer. Só presta pra tirar no verão (inverno, período seco) é próprio pra tirar. No inverno (verão

não é bom não. A gente luta demais por causa da chuva. Eu sei que a chuva é boa viu? Só tô falando que não presta pro mesocarpo. O mingau dele é uma delícia. Bom demais. (Casca, Quebradeira de coco, citada por Vieira, 2017).

“Ficamos um ano trabalhando com o mesocarpo aqui na comunidade. Faltou serviço pra meu marido, e nós encaixou em vender o mesocarpo. Vendíamos bastante pra fora. Tinha encomenda de uns 100, 200 pacotes (cada um com 500g). A maioria pra Palmas. O Nonato (extrativista da RESEX) fazia comigo, e também arrumava gente pra nos ajudar a levar e por pra vender. Era tudo feito aqui entre nós. [...] Meu esposo se aposentou, e isso nos ajudou a melhorar a renda. Hoje faz uma horta em casa. Antes era com a lavoura. Nós não tinha outro ganho antes da aposentadoria dele. Era tudo do coco e das terras daqui mesmo. E sempre com ajudas das pessoas daqui, das mulheres que quebram coco, do pessoal do sindicato que explica nossos direitos, do gestor do ICMBio que é nosso parceirão aqui. Ele não fica só protegendo verde e bicho não. Ele protege nós também. (Casca, Quebradeira de coco, citada por Vieira, 2017).

PARA MAIS PEDAGOGIAS, MAIS ABERTURAS

É com o seu modo de vida, e a multiplicidade de saberes que as quebradeiras de coco, da RESEX do Extremo Norte do Tocantins, que ao se envolverem com a Terra em uma relação vivida e sustentável constroem sua Pedagogia. Busquei apresentar, não como um pesquisador que reestrutura o saber do outro e da outra, a pedagogia das mulheres de Extremo Norte, mas sim relatando vivências e aprendizagens que tive nas comunidades desta RESEX que alicerçam o seu sustentável a partir do Bem Viver.

O intuito foi possibilitar que a Pedagogia das quebradeiras de coco faça parte da construção de uma Educação Ambiental dialógica, e que esta Educação possa se opor à uma lógica da sociedade moderna colonial e da ideia de unicidade, de verdade absoluta de uma ciência que se coloca como a forma de determinar conhecimento no mundo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ARTIGAS, M. **Filosofia da Natureza**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005.

ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, outras pedagogias**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). **Nosso Futuro Comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1991.

MIGNOLO, Wálter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte

conceitual da modernidade. In: LANDER Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SANTOS, Boaventura. de S. **A Gramática do Tempo** : para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TORTOSA, José.M. **Sumak Kawsay, Suma Kamaña, Buen Vivir**. Fundación Carolina, Madrid, 2009.

UFV/ICMBio. **Apoio ao processo de identificação das famílias beneficiárias e diagnóstico socioproductivo em Unidades de Conservação Federais**. Viçosa-Brasília, 2014.

VIEIRA, Fábio.P. **Envolvimento e Educação Ambiental com as quebradeiras de coco: Um caminho sustentável na reserva extrativista do Extremo Norte do Tocantins**. 2017, 199p. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2017.